

RELATORIA - SEMINÁRIO 20 ANOS DO OBSERVATÓRIO

“CÂNTICO DAS CRIATURAS E MÍSTICA SOCIOAMBIENTAL”

9/10/2025 - Auditório do BLOCO G4, Unicap.

Relatório de Juane Alves e Cyntia Farias

9:30 Mística e Partilha da “Vigília pela Terra”- Paulo Sampaio e Grupo ISER

- Assombros e críticas a uma teologia que elege uma natureza primária e uma secundária, às lógicas de consumo e descarte, a leitura dos versículos de forma automática e performática, sem muito aprofundamento e reflexão e enraizamento.
- Discussão sobre a desconstrução de uma fé escatológica centrada na ideia de fuga do mundo e de cidadania exclusivamente celestial. Criticou a leitura teológica que ensina o cristão a viver como “estrangeiro” na Terra, dissociando espiritualidade e criação. Essa separação, segundo ela, sustenta a lógica de uso, descarte e consumo, afastando a experiência religiosa do cuidado com o planeta.
- Mãe Adriana apresentou-se como dirigente da Casa de São Lázaro e integrante do Fórum Nacional de Umbanda. O fórum atua no intercâmbio de práticas religiosas, culturais e ambientais, fortalecendo o papel das casas de axé como comunidades de fé e cidadania.
- A dirigente destacou o trabalho de educação ecológica interna nos terreiros, incentivando práticas simples como a separação do lixo doméstico e o apoio aos catadores e cooperativas de reciclagem.
- Ressaltou que a espiritualidade umbanda comprehende o espírito em constante evolução, e que a transformação ecológica é também um processo espiritual. Apresentou as ações do fórum para repensar as oferendas e reduzir o impacto ambiental das práticas religiosas. Também defendeu que a natureza é extensão do corpo humano e do axé, e por isso merece cuidado e reverência. A espiritualidade, segundo ela, é ato de amor e equilíbrio com a Terra.
- Na conversa, foi lembrado que árvores e animais sentem, e que há uma comunicação viva entre todos os seres, apontada tanto por tradições espirituais quanto por pesquisas científicas recentes.
- Foram citadas experiências de diálogo envolvendo umbandistas, evangélicos, católicos, judaicos, muçulmanos, espíritas e tradições da floresta (Santo Daime e Bahá’í), construindo uma agenda comum de justiça climática e espiritual.
- Foi apontado que o diálogo não é apenas entre religiões, mas também entre gerações e culturas. Crianças, jovens, adultos e anciãos participam conjuntamente de projetos que unem educação, arte e espiritualidade para imaginar “a cidade dos sonhos” – símbolo da esperança e da casa comum.

- A sessão foi enriquecida com um momento de cânticos.

Mística e Partilha da “Vigília pela Terra:

- Paulo Sampaio / ISER:
 - a) Destacou a relevância da COP30 em Belém como espaço ético e simbólico, onde lideranças religiosas e sociais podem discutir o futuro do planeta.
 - b) Chamou atenção para a falta de articulação política entre fé e sustentabilidade, questionando o papel dos espaços de fé na construção de novas práticas sociais.
- Jéssica:
 - a) Propôs uma teologia eco ambiental, que reconhece a fé como dimensão integral da vida e do cuidado com a natureza.
 - b) Criticou o uso das escolas bíblicas dominicais como instrumentos de dominação, com linguagens automatizadas e distantes da cidadania terrestre, defendendo uma reinterpretação da fé a partir da relação com o cosmos.
- Mãe Adriana Bezerra (Casa de São Lázaro)
 - a) Defendeu a visão do espírito em constante evolução, chamando atenção para a necessidade de cultivar novos hábitos e atitudes inspiradoras, capazes de transformar relações e modos de vida.
 - b) Propôs uma política baseada na amorosidade e no diálogo Inter geracional, em que as diferentes gerações aprendem umas com as outras, construindo saberes e práticas a partir de seus lugares de fala e de fé.

10:30 Faustino dos Santos, palestra “Espiritalidades e os 800 anos do Cântico das Criaturas”

- O palestrante apresentou o tema geral do seminário, centrado na relação entre “O Cântico das Criaturas” e a mística social e ambiental e explicou que sua fala seria dividida em três partes: A composição e o contexto histórico do Cântico das Criaturas; Uma leitura teológica do cântico; Uma reflexão sobre espiritualidades e ética ecológica inter-religiosa.
- Faustino situou o cântico em 1225, no final da vida de São Francisco de Assis. Enfermo, escreveu o cântico como oração de gratidão ao “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor”. O texto nasce da experiência mística e de um gesto de louvor por meio das criaturas. O palestrante destacou a frase de Francisco: “Quero fazer um novo louvor ao Senhor por tuas criaturas, das quais nos servimos todos os dias e sem as quais não podemos viver.”
- O cântico expressa a interdependência entre o ser humano e a criação, revelando uma teologia que rompe com a lógica de separação entre Criador e criatura. É considerado o primeiro poema em língua italiana vernacular, exaltado por autores como Jacques Le Goff e estudiosos franciscanos. Embora Francisco não tenha formação acadêmica em teologia, Faustino o apresentou como “teólogo da criação”. O cântico revela uma espiritualidade encarnada e ecológica, em que: A criação é o primeiro sacramento de Deus; O universo é a primeira Bíblia, anterior à Escritura, por meio da qual Deus se comunica.
- Citou Richard Rohr, que interpreta a natureza como o “primeiro livro de revelação”. Essa teologia convida à leitura espiritual da natureza, vista como corpo de Deus.

- O afastamento da humanidade em relação à natureza é, para Faustino, um rompimento da amorsidade divina. O Cântico das Criaturas é, assim, um convite à corresponsabilidade com o cosmos e à redescoberta da fraternidade universal.
- Citou Lynn White Jr. (As raízes históricas da nossa crise ecológica), que critica o antropocentrismo judaico-cristão como causa da crise ambiental. Dialogou com o pensador Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), que denomina essa ruptura de “cosmofobia” — o medo e a separação do ser humano em relação ao cosmos.
- Faustino interpretou São Francisco como um “santo contra-colonial”, cuja vivência antecipou uma teologia de reconciliação entre o humano e a natureza.
- No terceiro eixo da sua fala, Faustino aproximou o Cântico das Criaturas de diversas tradições religiosas:
 - Judaico-cristã: retomada do princípio do cuidado do Éden e da corresponsabilidade humana com a criação (Gênesis 2 e Salmos).
 - Cristianismo contemporâneo: referência à encíclica Laudato Si’ (Papa Francisco), que reforça a conversão ecológica e o cuidado da “casa comum”.
 - Budismo: noção de interdependência dos seres e o conceito de “intersomos” (Thich Nhat Hanh).
 - Islamismo: ideia do ser humano como administrador (califa) da Terra, responsável pelo equilíbrio criado por Allah.
 - Religiões de matriz africana e indígenas: forte senso de sacralidade da natureza, presença de espíritos nas águas, florestas e animais, e a defesa dos territórios como extensão do próprio corpo.
- Mencionou o sincretismo entre São Francisco e o orixá Iroko, símbolo da revitalização eterna do ciclo da natureza.
- Faustino encerrou apontando que cada religião possui elementos internos capazes de contribuir para a proteção, reconciliação e reparação ecológica. Propôs uma “agenda inter-religiosa do cuidado da casa comum”, inspirada na espiritualidade franciscana.
- Destacou que o Cântico das Criaturas propõe:
 - Uma teologia inter-religiosa da criação;
 - Um compromisso ético universal com a justiça e a paz socioambiental.
- Finalizou com a célebre frase de São Francisco, dita antes de sua morte: “Recomecemos, irmãos, porque até agora pouco ou nada fizemos.”

Espiritualidades e os 800 anos do Cântico das Criaturas:

Faustino dos Santos

- a) Apresentou o *Cântico das Criaturas* de São Francisco como expressão de uma *espiritualidade encarnada*, em que o divino se manifesta na criação e na interdependência dos seres.
- b) Defendeu a construção de um *projeto ético cosmológico-religioso*, baseado no cuidado de si, da natureza e no diálogo entre tradições espirituais, como antídoto ao antropocentrismo euro cristão.

11:00: Mesa de Debate: “Religiões e Educação”

- Os debates da mesa refletiram sobre o papel das instituições educativas na promoção do diálogo inter-religioso, no combate à intolerância e na valorização da diversidade religiosa e cultural no Brasil.

Parte 1: Juane Braúna: “Educação Museal e patrimônio religioso”

- Juane apresentou uma fala baseada em sua trajetória entre museologia e ciência da religião, destacando a educação museal como espaço de formação ética e inter-religiosa. A exposição se baseou em suas pesquisas sobre patrimônio religioso e arte sacra, realizadas no Museu de Arte Sacra de Pernambuco, de Salvador e de Goiânia.
- Defendeu que os museus são, por natureza, espaços de educação, diálogo e reflexão social. Apresentou a Política Nacional de Educação Museal (PNEM, 2017) como documento orientador para práticas educativas nos museus brasileiros.
- Destacou três diretrizes principais da PNEM:
 1. Democracia e participação social – inclusão das comunidades na construção das narrativas expositivas, especialmente as comunidades de onde provêm os objetos.
 2. Diversidade cultural – reconhecimento de diferentes tradições religiosas dentro dos museus, como no exemplo do MASPE, que expôs imagens católicas e de orixás.
 3. Educação como processo permanente – aprendizado que ocorre ao longo da vida, em múltiplos espaços, para além da escola.
- Enfatizou o papel do educador ou mediador de museu, figura que estabelece a ponte entre o público e os objetos expostos. Retomou a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, composta por:
 - Produção,
 - Contextualização,
 - Apreciação do objeto.
- Criticou a falta de contextualização dos objetos religiosos em muitos museus, o que leva a leituras descoladas de seus significados simbólicos.
- Função social dos museus: Citou Mário Chagas ao defender que os museus devem ser instituições vivas, promotoras de transformação social.
- Distinção entre tipos de museus dedicados a exposição de objetos religiosos :
 - Museus eclesiásticos (ligados diretamente a instituições religiosas);
 - Museus de arte sacra (voltados à preservação artística e histórica);
 - Museus das religiões (comparativos e inter-religiosos);
 - Museus comunitários e de terreiros (expressões da museologia social e da descolonização museal).

- Defendeu a função educativa e social dos museus como promotores do diálogo inter-religioso e da revivificação dos objetos sagrados.
- A musealização não deve significar dessacralização, mas renovação do sentido e do encontro com o outro.
- Concluiu afirmando que o museu pode ser um espaço de aprendizagem e de respeito mútuo, aliado à escola e à universidade.

Parte 2 – Cyntia Farias: “Educação e religião: o caso dos intervalos bíblicos”

- Cyntia tratou da relação entre educação e religião no ambiente escolar, abordando a laicidade do Estado e a crescente presença de práticas religiosas confessionais nas escolas públicas.
- Iniciou citando dados de aumento de 80% nos casos de intolerância religiosa entre 2023 e 2024, segundo o Ministério dos Direitos Humanos. Assim, criticou o avanço do fundamentalismo cristão nas escolas, especialmente através dos intervalos bíblicos, que promovem cultos e atividades religiosas exclusivas.
- Denunciou a ausência da aplicação efetiva das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatórios o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Cyntia também apontou a omissão do ensino religioso plural e a hegemonia eurocristã nas práticas escolares.
- Comentou projeto de lei que institucionaliza o intervalo bíblico, e a PL 44134/2024 (Michele Collins), que prevê multa para escolas que se recusarem a implementá-lo. Questionou a constitucionalidade dessas medidas por ferirem a laicidade do Estado.
- Pesquisa em campo: Cyntia compartilhou a sua pesquisa realizada em três escolas públicas, na qual:
 - Nenhum aluno se identificou como pertencente a religiões de matriz africana;
 - Uma aluna agnóstica apresentou consciência transreligiosa;
 - A direção de uma escola negou a realização da pesquisa, alegando risco de conflito religioso.
- Destacou que a invisibilidade dos alunos de matriz africana gera evasão escolar, silenciamento e sentimento de não pertencimento.
- Dessa forma, Cyntia defendeu a escola como espaço de cidadania, educação pluralista e de igualdade de direitos. Enfatizou também a urgência de formação docente crítica e antirracista, comprometida com a diversidade cultural e religiosa.

Parte 3 – Daniel Leão: “Ensino religioso e pensamento transdisciplinar”

- Daniel iniciou saudando os colegas e refletindo sobre a marginalização do ensino religioso nas últimas décadas. Criticou o caráter confessional e proselitista que ainda predomina nas escolas, chamando-o de “anacronismo pedagógico”.
- Defendeu o ensino religioso como campo científico e laico, cujo objeto é o conhecimento religioso, e não a catequese. Comparou sua função às outras disciplinas:
 - Assim como a geografia estuda relações naturais e sociais,

- O ensino religioso deve estudar as expressões e fenômenos religiosos de forma crítica e comparada.
- Daniel denunciou a falta de formação e apoio institucional aos professores de ensino religioso. Argumentou que, sem preparo e políticas públicas, a disciplina é facilmente apropriada por discursos dogmáticos e extremistas.
- Assim, propõe um ensino religioso transdisciplinar, fundamentado na complexidade, níveis de realidade e lógica do terceiro incluído (inspirado em Basarab Nicolescu). Citou Einstein: “A mente que se abre para uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original”.
- Encerrou sua fala defendendo que o ensino religioso deve ampliar a visão de mundo, combater extremismos e promover empatia e coexistência.

Religiões e educação:

- Juane Alves:
 - a) Defendeu o museu como espaço de transformação social e espiritual, lugar de diálogo entre memórias e culturas.
- Daniel Leão:
 - a) Abordou o ensino religioso (ER) como campo capaz de ampliar a visão sobre a realidade, favorecendo a abertura a outros níveis de existência e promovendo o ecumenismo.
- Cyntia Farias:
 - a) Defendeu a laicidade do Estado, a garantia de neutralidade religiosa nas instituições públicas e impedir o avanço de práticas proselitistas, como os “intervalos bíblicos”, que ameaçam o princípio constitucional da liberdade de crença.
 - b) Apresentou a Educação plural e antirracista como ferramenta de promoção de respeito à diversidade religiosa e cultural, combatendo a intolerância e assegurando a implementação efetiva das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e do Ensino Religioso (laico) como base para uma formação cidadã e democrática.

12:00 as 14:00: Intervalo para o almoço

14:00 Claudia Alexandre: Exu Mulher e o Matriarcado Nagô

- A pesquisadora e jornalista Cláudia Alexandre, autora da obra Exu Mulher, iniciou sua fala apresentando resultados de suas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras e suas expressões culturais, com destaque para as escolas de samba como espaços de resistência e identidade negra.
- Abordou a importância das escolas de samba como territórios de proteção das tradições de matriz africana, historicamente articuladas com lideranças religiosas femininas — mães-de-santo e ialorixás — que as sustentam e orientam

espiritualmente. Cláudia apresentou sua obra *Exu Mulher* como um esforço de revisão histórica e simbólica sobre o orixá Exu e a forma como foi representado ao longo do tempo.

- Denunciou o processo de colonização e demonização de Exu, mostrando como a influência cristã o transformou na figura do “diabo” — uma associação alheia ao pensamento africano de origem.
- Investigou como essa demonização começou ainda na África, sendo posteriormente reforçada pelo racismo religioso no contexto brasileiro.
- Enfatizou que a colonização cristã também apagou o feminino nos cultos afro-diaspóricos, marginalizando expressões de Exu ligadas à fertilidade, sexualidade e complementaridade de gênero.
- A pesquisadora apresentou estudos iconográficos sobre as representações de Exu na Iorubálandia, que frequentemente incluem elementos sexuais tanto o falo quanto a vagina.
- Explicou que essas figuras são em pares, simbolizando a complementaridade entre masculino e feminino dentro da cosmologia africana.
- A partir da colonização, ocorre uma masculinização e generificação dos orixás, fruto da visão ocidental binária — “nem todos os orixás foram pensados em termos de gênero”, ressaltou.
- Reafirmou que, na cosmovisão iorubana, o masculino e o feminino não são opostos, mas forças complementares que mantêm o equilíbrio do universo.
- Abordou o surgimento dos primeiros candomblés em Salvador, fundados por mulheres africanas — evidência de um matriarcado nagô que estruturou o campo religioso afro-brasileiro.
- Nesse processo, Exu tornou-se figura controversa, adaptada e dissimulada para garantir a sobrevivência dos cultos em um contexto de perseguição. Essa transformação é lida por Cláudia como estratégia de resistência, envolvendo dissimulação e silêncio para proteger o sagrado em tempos coloniais. A autora destacou que houve “perdas e ganhos” nesse movimento.
- Cláudia analisou a alteração da visão sobre os deuses africanos como tentativa de diálogo e sobrevivência diante da hegemonia católica.
- Apresentou evidências do culto a Exu Mulher no Brasil, com destaque para a figura de Colodina, reverenciada no Recôncavo Baiano, como manifestação do princípio feminino de Exu.
- Traçou paralelos entre Exu Mulher e Pombagira,
- Encerrou ressaltando que a pesquisa sobre espiritualidades afro-brasileiras deve ser conduzida com postura ética e antirracista.
- Encerra defendendo que o pesquisador precisa reconhecer seus privilégios e desconstruir olhares coloniais, assumindo uma escuta respeitosa diante dos saberes tradicionais.

Gênero e religiosidades: o caso Exu-mulher

Cláudia Alexandre

- a) Apresentou sua pesquisa sobre *as representações de Exu e o racismo religioso*, mostrando como o orixá foi masculinizado e demonizado pela ótica eurocêntrica e cristã.

- b) Ressaltou o *protagonismo das mulheres negras nos terreiros* e o papel do sagrado como resistência e reconstrução simbólica diante do racismo acadêmico e religioso.

15:30: Mesa de debate: “Transdisciplinaridade, Transaberes e fronteiras da Antropologia” – Gilbraz Aragão, Maruilton Souza, Mailson Cabral

- A mesa propôs refletir sobre os desafios epistemológicos e metodológicos da transdisciplinaridade.

Parte 1: Prof. Dr. Gilbraz Aragão: Triálogos trans- religiosos

- O professor iniciou sua fala destacando a necessidade de superar as dialéticas e os diálogos binários, propondo uma passagem do “diálogo” ao “trialogo” — um encontro que inclui o terceiro elemento, o entre-lugar, o que está “além” das polaridades. A proposta se alinha ao pensamento de Basarab Nicolescu, com a lógica do terceiro incluído e a teoria dos níveis de realidade.
- A transdisciplinaridade foi apresentada como uma busca pela unidade do saber humano em meio à diversidade, com base em três princípios fundamentais:
 - Vários níveis de realidade – compreensão de que o mundo se manifesta em camadas interconectadas, materiais e imateriais.
 - Lógica do terceiro incluído – superação da exclusão lógica clássica (verdadeiro/falso) para acolher o paradoxo e a complexidade.
 - Interdependência entre ciência e cultura – conhecimento em diálogo constante com o contexto social e cultural.
- Gilbraz explicou que o conhecimento transdisciplinar transita entre as disciplinas, atravessa seus limites e vai além delas, integrando saberes científicos, filosóficos e espirituais em função da humanidade. Citou que estudar religião é aprender a dialogar com a diversidade humana, reconhecendo a interconexão de todos os seres e a busca comum de sentido.
- Defendeu que a origem e o destino comum da humanidade constituem hoje o principal contexto de disputa — entre visões fragmentadas e integradoras do mundo. Lançou a pergunta: Qual é o sonho humano comum, o sonho que as religiões produzem e partilham?” Enfatizou assim, que tudo está interconectado: o desafio das espiritualidades é reencontrar esse tecido unificador.
- Propôs repensar o termo “diálogo”: em vez de uma relação apenas dual, propôs o “trialogo” como espaço de múltiplas interações entre ciência, espiritualidade e sociedade. Encerra comentando sobre as tendências teóricas da transdisciplinaridade, mencionando autores e suas perspectivas.

Parte 2 – Dr. Maruilton Souza:

- Maruilton iniciou sua fala observando que a crença no progresso contínuo e racional da humanidade entrou em colapso diante das crises ambientais, éticas e epistemológicas contemporâneas. Essa falência gera o que chamou de “educação

niilista” – um sistema escolar e científico que perdeu sua função de sentido e de vínculo com a vida real.

- Resgatou o surgimento do termo transdisciplinaridade na década de 1970, como proposta de ir “além dos limites de cada disciplina”.
- Reforçou que Basarab Nicolescu sistematizou a metodologia, tendo como pilar a lógica do terceiro incluído e a influência mútua entre as partes do real. E mencionou também Edgar Morin e sua defesa do pensamento complexo.
- Ressaltou a importância dos diálogos entre a academia e a rua, ou seja, entre o saber institucionalizado e os saberes populares e tradicionais.
- Maruilton denunciou a predominância do ensino monodisciplinar, ainda muito presente nas universidades, e defendeu a necessidade de:
 - Reconfigurar currículos fragmentados, favorecendo abordagens integradoras;
 - Formar professores e pesquisadores transdisciplinares, capazes de transitar entre ciência, cultura e espiritualidade;
 - Criar fóruns e grupos de pesquisa abertos à pluralidade epistemológica e aos saberes orais e tradicionais;
 - Superar preconceitos acadêmicos e institucionais que deslegitimam saberes não eurocêntricos.
- Maruilton concluiu defendendo uma educação cooperativa e de fronteira, em que o conhecimento se faz com o outro e entre mundos.
-

Parte 3. Dr. Mailson Cabral

- Mailson iniciou abordando as ideias do antropólogo inglês Tim Ingold, criticando a visão moderna de separação entre sujeito e objeto. Para Ingold, essa relação é limitante e enquadrante, pois transforma o mundo em algo a ser dominado.
- O desafio, segundo Mailson, é “entregar esses saberes à vida”, reconectando conhecimento e experiência.
- Inspirado em Ingold, destacou que o mundo não é feito de objetos, mas de coisas — vivas, em fluxo e em constante troca com o ambiente. Mailson citou o experimento pedagógico de Ingold com a construção de pipas: A pipa só é verdadeiramente pipa quando está no ar, quando participa dos fluxos do vento e da vida.
- Propôs uma crítica à ideia de materialidade como algo fixo e inerte. Para ele, o mundo é uma grande coisa viva, uma teia de relações, e não uma coleção de objetos estáticos. Habitar o mundo é participar de sua construção contínua, não apenas ocupar um espaço.
- A vida é vista não como uma trajetória rumo a um fim, mas como um processo de entrelaçamento — como uma teia de aranha, uma rede de linhas vivas que se cruzam e se recriam constantemente. Habitar é estar entre fluxos, emaranhado com o meio, co-criando o mundo a cada instante.

Transdisciplinaridade, Transaberes e fronteiras da Antropologia”

- Gilbraz Aragão:
 - a) Defendeu uma teologia da criação dialógica, que reconhece o valor da diversidade e da contradição como caminhos para o reencantamento da vida.

- b) Propôs recriar a noção de diálogo como experiência de conversão ética e de encontro com o mistério.
- Maruilson Souza:
 - a) Inspirado em Nicolescu e Morin, destacou o desafio de superar a fragmentação do saber e construir pontes entre a academia e as realidades religiosas.
 - b) Criticou o ensino monodisciplinar e defendeu uma formação transdisciplinar que promova a cooperação entre áreas e supere preconceitos práticos.
 - Mailson Cabral:
 - a) Inspirado em Tim Ingold, apresentou uma visão relacional da realidade, em que o mundo é uma teia viva formada por fluxos e relações materiais.
 - b) Propôs repensar a materialidade e a vida das coisas como parte de um emaranhado de existências interligadas, comparando a teia da aranha à extensão do próprio ser no mundo.

16:30 Momento de homenagens ao professor Gilbraz Aragão e encerramento do evento.